

JOSÉ CARDOSO PIRES

responde ao questionário de Proust

— Qual é para si o cúmulo da miséria moral?

— Ganhar a vida à custa da humilhação dos outros. Também detesto a independência dos covardes, que é uma justificação muito do nosso tempo.

— Onde gostaria de viver?

— Onde vivo (numa quinta a dois passos de Lisboa) mas tendo o Tejo à saída de casa. Viver no campo com porta para o Chiado, não me tentaria lá muito. Com porta, por exemplo, para a praia da Torre, isso sim. Seria um achado!

— O seu ideal de felicidade terrestre?

— Muito simples: viver numa sociedade que tivesse ultrapassado o Medo e em que a Morte fosse um acto natural e não uma justificação para a Vida. Isto é, onde as guerras fossem consideradas como velhas exhibições de antropofagia e o direito à saúde fosse tão obrigatório como o ar que se respira. Resta ainda admitir um máximo de cinco horas de trabalho quotidiano para tudo ser perfeito. E não é utopia. Havemos de beneficiar disto nos nossos dias.

— Que culpas, a seu ver, requerem mais indulgência?

— As chamadas fraquezas da carne, que muitas vezes são glórias do espírito, e aquilo que é costume rotular-se de «pecado do orgulho» e que é quase sempre virtude, porque nada tem a ver com a vaidade. Pelo contrário. É o orgulho que faz levantar a cabeça dos fracos e recusar a mão aos opressores.

— E menos indulgência?

— A subserviência, naturalmente. E as mentiras tácitamente negociadas.

— Qual é a sua personagem histórica favorita?

— Personagem, propriamente personagem, não tenho. Às vezes lembro-me do nosso avô mercador que andou pelas Chinás e pela Amazônia e sofreu naufrágios nos sete mares. Noutras, recordo-me de Saint Just, morto aos vinte e sete anos na guilhotina, depois de ter anunciado que a Felicidade era uma ideia nova na Europa. Noutras ainda, penso no coronel Valério da Resistência que, numa hora, justificou vinte e três anos da vergonha de um povo. Haveria mais personagens. Mas os heróis sucedem-se e os símbolos ficam...

— E as heroínas mais admiradas da vida real?

— Aquelas de que não reza a História e que os romancistas acabam por eleger.



— A sua heroína preferida na ficção?

— Portuguesa? Soror Mariana.

— O seu pintor favorito?

— Picasso. (Ou Bosch?)

— O seu músico favorito?

— Bach. (Mas, se me dão licença, direi que também aprecio Georges Brassens e António Carlos Jobim. Desculpem...)

— Que qualidades mais aprecia no homem?

— As qualidades que habitam nele em risco de se tornarem defeitos. Exemplifico: a coragem que não teme parecer loucura; a lealdade que, por vezes, põe em perigo a independência; e a imaginação que jamais se confunde com o delírio para ser, verdadeiramente, imaginação.

— Que qualidades prefere na mulher?

— Todas as qualidades que são inteligentemente dela.

— A sua ocupação favorita?

— Além de escrever? Talvez vaguear à noite por comes e bebes de Lisboa.

— Quem gostaria de ter sido?

— Não faço a menor ideia. Sei que não seria como sou, com toda a certeza.

— O principal atributo do seu carácter?

— Ter-me convencido, certamente por herança liberal, que cada homem pode endireitar um pouquinho do mundo. E sabendo isso impossível, insistir sentimentalmente nesse erro com receio de me adaptar à passividade.

— Que mais apetece aos seus amigos?

— A lealdade, já se vê. Que tenham uma medida certa e independente para julgar os estranhos e os amigos, e que saibam encarar com humor os nossos defeitos menos significativos.

— O seu principal defeito?

— Sei de vários, mas o principal desconheço-o. Também, sempre me convenci de que para cada ocasião existe um defeito apropriado...

— O seu sonho de felicidade?

— Uma felicidade que não atropelasse a dos outros e que não fosse atropelada pela deles. Ao fim e ao cabo, uma concepção de justiça e um desejo de civismo colectivo. E, é claro, uma independência muito pessoal...

— Qual a maior das desgraças?

— A entronização dos médiocres.

— Que profissão, que não fosse a de escritor, desejaria ter exercido?

— A de *barman*. É um admirável ofício, que exige sa-

ber, muito mundo, bom gosto e profunda acuidade psicológica.

— Que cor prefere?

— Quase que diria o branco, porque é o somatório de todas as cores. Mas, não. Pergunto simplesmente: haverá cores feias ou cores preferidas fora do lugar em que estão justas? Apesar dos postais coloridos, da calúnia do tecnicolor e das telas dos académicos, o arco-íris não continua a estar corajosamente certo e belo?

— A flor de que mais gosta?

— A da romã. É linda, ninguém a utiliza como símbolo e cumpre admiravelmente a sua função: transforma-se num dos mais belos frutos que conheço.

— O pássaro que lhe merece mais simpatia?

— Agora, que estou escrevendo um romance intitulado *Um Corvo Branco* tenho-me, evidentemente, preocupado com este pássaro. As calúnias que os homens lhe têm posto só são comparáveis às que a fábula lançou sobre a cigarra cantadeira ou aos elogios reaccionários que se têm feito à formiga.

— Os seus autores preferidos?

— Tantos! Stendhal, Casanova, Balzac, Tolstoi, Gorki, Durrell... Um rosário que nunca mais acaba. Últimamente descobri De Gaulle, o

escritor das *Memórias*. E digo: «Ainda bem que o Nobel não lhe foi dado, para não o julgarem da mesma qualidade literária de Churchill».

— O seu herói?

— Aprendi com Mestre Aquilino a não me esquecer das mazelas dos heróis. Talvez por isso admire tanto Fernão Mendes Pinto, personagem do escritor Fernão Mendes Pinto.

— Os seus heróis na vida real?

— Todos quantos ganham pão difícil e sabem sorrir acreditar. Numa sociedade e que se prega a vida em po breza e se considera a alegria de viver como uma heresia, haverá mais corajosa heroicidade que a dessa gente?

— Que mais detesta no homem?

— Primeiro a ambição que despreza a inteligência. É geralmente a grande arma dos médiocres. Depois, o esquecimento: Parte dos males da Humanidade derivam do esquecimento do homem em relação às lições sofridas.

— Caracteres históricos que mais abomina?

— Para mim, a divinização do homem explica todos os lados abomináveis da História e as suas curvas retrógradas.

— Que facto, sob o ponto de vista guerreiro, mais admira?

— A vitória de Guernica, por Pablo Picasso.

— A reforma política que mais ambicionaria ao mundo?

— Bastaria uma estrutura social em que o termo «política» não fosse pejorativo, nem para a Literatura, nem para os cidadãos prudentes, nem para a Política-ela-mesma. Esta simples modificação requer um novo tipo de cultura e de interferência cívica, e um novo tipo de responsabilidade. Logo, de Liberdade.

— O dom da Natureza que mais gostaria de possuir?

— A simplicidade difícil da expressão exacta, característica dos espíritos que têm o sortilégio das sínteses rigorosas.

— Como desejaria morrer?

— Lúcido e de acordo com a minha vida.

— A sua divisa?

— Não tenho. E, sinceramente, alguém terá?